VEREADORA COMANDANTE NÁDIA (MDB) – Comunicação de Líder: Boa tarde, Presidente; boa tarde, colegas vereadores; em tempos em que o presidente eleito da Argentina, em seu primeiro discurso, brada por Lula Livre, em tempos em que na Universidade de São Paulo são distribuídos panfletos com o lembrete “a polícia não é sua amiga”; em tempos em que os estudantes vão às ruas gritar “não acabou, vai acabar, eu quero o fim da Polícia Militar”; em tempos em que bandido é chamado de suspeito e criminoso é tratado como vítima e os direitos humanos, distorcidos, se penalizam pela morte do sequestrador do ônibus Rio-Niterói dizendo que a polícia agiu de maneira precipitada e sem técnica; em tempos que até a prisão em segunda instância é questionada só para acomodar interesses particulares de poderosos; quando eu achava que nada mais me surpreenderia, na semana passada, li um artigo no clicRBS com a seguinte afirmação: “Como exigir mais sacrifícios dos civis, se os policiais e bombeiros terão tratamento privilegiado?” (Projeção de imagens.) Friso que entendo como fundamental a liberdade de imprensa para apresentar os fatos sem distorções, mas querer colocar a população gaúcha contra os policiais militares e bombeiros já passou da intenção de apenas informar. Por certo, a jornalista que escreveu tal intempérie vem de um tempo em que a Brigada Militar era, por eles considerada, a Geni, aquela maldita Geni que era feita para apanhar, era boa para cuspir. Se algum intelectual à época quisesse fazer graça, bastava chutar a honra de alguém fardado ou incentivar enfrentamentos físicos ou até mesmo tentar diminuir a autoridade policial com determinações esdrúxulas como atender ao telefone de emergência com a frase “governo popular e democrático” ou, antes de sacar a sua arma, avisar que estava armado e que poderia atirar. Foram tempos de êxtase desse tipo de personalidade distorcida e inimiga dos nossos valores, dos valores da família. Ter a previdência diferenciada é questão de justiça para com os homens e as mulheres que vestem a farda e sacrificam suas vidas em prol da população. Para quem não sabe, esses privilegiados não possuem FGTS nem adicional noturno, devem dedicação exclusiva ao serviço policial militar, não sendo permitido outro tipo de profissão para incrementar a sua renda. Não tem direito à greve, estão sujeitos a rigorosos regulamentos disciplinares a qualquer tempo, inclusive, na reserva remunerada; nem tem direito à covardia ou à mesquinhez, pois fazem parte de seus deveres a bravura e a galhardia diante da

iniquidade criminosa, da vilania das organizações do crime e da injustiça de discursos covardes de quem nunca se expôs ao risco durante uma vida inteira. Nem as normas regulamentadoras do trabalho se aplicam aos militares, a eles sendo exigido custicidade no desempenho da função. Quem os critica jamais trabalharia sob essas condições. A quais privilégios se refere a jornalista? Talvez ao privilégio de saber a hora do início do trabalho sem saber o horário da saída, talvez estar de serviço na noite de Natal, no 1º do ano, ou até mesmo no 1º de maio, Dia do Trabalho. Trabalhar 12 horas ou mais em patrulhamento todos os dias, faça chuva ou faça sol, tomando tiro de vagabundo e ficar paraplégico? Ou seria um privilégio morrer? É privilégio estar em confrontos onde criminoso dispara tiros com armas de guerra? Entrar em áreas com tiroteios de fuzis com viaturas sem nenhuma blindagem? É privilégio que, com muito desgaste físico e psicológico, prenda-se um criminoso que é levado à audiência de custódia e solto na sequência? É privilégio enterrar um colega de farda alvejado pelo inimigo? É privilégio morrer em serviço, deixando filhos pequenos a serem criados? E depois falarem que o salário que a família receberá no lugar da ausência do policial-herói será um privilégio? É privilégio ser morto, degolado no Centro de Porto Alegre por um pacífico integrante de movimento social e treinado por forças internacionais, mas considerado sempre vítima da sociedade? Privilégio, senhores... (Som cortado automaticamente por limitação de tempo.) (Presidente concede tempo para o término do pronunciamento.) ...é poder voltar para casa depois do seu dia de trabalho, privilégio é uma sociedade poder contar com pessoas dispostas a entregar o que possuem de mais precioso, suas vidas, para todos os demais, contribuintes ou não, simpatizantes ou não, azuis ou vermelhos, ricos ou pobres, enfim, para todos aqueles que possam tocar as suas vidas em paz e segurança. Quando todos fogem do perigo, é o policial militar que vai ao seu encontro. Somos forjados com valores incomuns, como a coragem, o senso de dever, a urbanidade, o altruísmo, o cumprimento dos deveres, o espírito de sacrifício, a disciplina, a honra e o patriotismo. Falta empatia no olhar das pessoas ao se colocarem no lugar desses policiais. Para nós, militares, privilégio é carregar, no braço, o brasão do estado do Rio Grande do Sul; no peito, a insígnia da Brigada... (Som cortado automaticamente por limitação de tempo.)
(Texto sem revisão final.)